

A Terceira Margem do Rio

Este é o título que João Guimarães Rosa dá à história onde um homem decide viver sozinho em um barco, no rio, em cuja margem vivera com sua família. Ao utilizar a expressão apenas no título, não voltando explicitamente a ela ao longo do texto, Guimarães Rosa concede ao leitor o prazer de construir também significados.

Uma interpretação possível é a de que o personagem, com sua teimosa presença, passa a constituir uma terceira margem para esse rio.

Outra é a do projeto para a sexta Bienal do Mercosul - Porto Alegre, setembro a novembro de 2007 – que escolheu a Terceira Margem como metáfora central pela possibilidade de criação de um terceiro lugar. Para Gabriel Pérez-Barreiro, curador geral do conjunto das exposições que compuseram a Bienal, a metáfora da terceira margem ressoa em muitos níveis como uma necessidade profundamente humana e contemporânea de se ir além das oposições binárias que estruturam nossas vidas.

Definida como *a partir do* Mercosul e não *do* Mercosul, a 6ª Bienal foi estruturada a partir de vários projetos. Em um deles, CONVERSAS, artistas de países do Mercosul convidaram outros artistas com base na afinidade e no diálogo, e não na geografia.

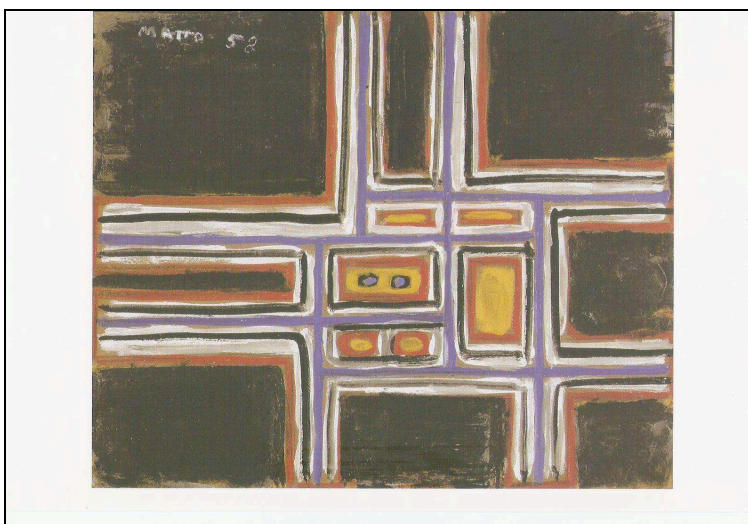
No projeto ZONA FRANCA, quatro curadores apresentaram trabalhos selecionados a partir de um critério de excelência.

Já em TRÊS FRONTEIRAS, artistas internacionais foram trazidos para a região de tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, para refletir sobre a complexidade das relações entre os países do Mercosul.

As mostras foram instaladas em três locais distintos, em área central da cidade, a distâncias passíveis de serem percorridas a pé: o edifício Santander Cultural, o do MARGS e os armazéns do antigo Cais do Porto. Na intenção de assegurar relações mais estreitas com o público local, mais do que com um público de especialistas do mundo artístico, foi criada, nessa edição da Bienal, como um terceiro espaço, o programa pedagógico.

O programa desenvolvido pelo curador pedagógico foi baseado em dois princípios: considerar o visitante como um criador em potencial, carregado de conteúdo, não um receptáculo vazio a ser preenchido de informações e pensar as obras de arte como canais de comunicação a serem compreendidos ativamente e não consumidos de forma passiva. Reuniões iniciais foram realizadas com professores, estudantes e mediadores que haviam participado das edições anteriores da Bienal. Conjuntos de material pedagógico, contendo roteiros de atividades, baseados em obras expostas na Bienal foram distribuídos para escolas estaduais, municipais e privadas do Rio Grande do Sul meses antes da exposição e transporte gratuito para 100.000 visitas de escolares foram planejadas.

Uma das obras presentes no material pedagógico e ilustrada abaixo é o quadro de Francisco Matto (1911-1995), intitulado “Composição sobre Fundo Negro”, que combina as tradições pré-colombianas com os idiomas desenvolvidos pela arte de vanguarda de sua época.



Voltando a Guimarães Rosa, seu estilo é híbrido entre sertanejo e erudito. Colecionador de palavras, inventava vocábulos a partir da linguagem oral das profundezas do Brasil e das muitas línguas que aprendeu. As aliterações e assonâncias, a sintaxe torta e as rimas internas fazem de seus textos tanto verso como prosa, como se pode observar nestes trechos de A TERCEIRA MARGEM:

Mas se deu certo que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nestas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta...

Nossa Mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva da pálida, mascou o beíço e bramou: _”*Ce vai, ocê fique, você nunca volte!*”

... Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala...

De tão idoso não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte.

Para melhor descrever esse autor emblemático, nada melhor que o poema de Carlos Drumond de Andrade, publicado no Correio da Manhã de 22 de novembro de 1967, três dias após a morte de João Guimarães Rosa.

UM CHAMADO JOÃO

João era fabulista?
fabuloso?
fábula?
Sertão místico disparando
no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha
a quinta face das coisas
inenarrável narrada?
Um estranho chamado João
para disfarçar, para farçar
o que não ousamos compreender?

Tinha pastos, buritis plantados
no apartamento?
no peito?
Vegetal ele era ou passarinho
sob a robusta ossatura com pinta
de boi risonho?

Era um teatro
e todos os artistas
no mesmo papel,
ciranda multívoca?

João era tudo?
tudo escondido, florindo
como flor é flor, mesmo não semeada?
Mapa com acidentes
deslizando para fora, falando?
guardava rios no bolso
cada qual com sua cor de água
sem misturar, sem conflitar?

E de cada gota redigia
nome, curva, fim,
e no destinado geral
seu fado era saber
para contar sem desnudar
o que não deve ser desnudado
e por isso se veste de véus novos?

Mágico sem apetrechos,
civilmente mágico, apelador
de precípite prodígios acudindo
a chamado geral?
Embaixador do reino
que há por trás dos reinos,

dos poderes, das
supostas fórmulas
de abracadabra, sésamo?
Reino cercado
não de muros, chaves, códigos,
mas o reino-reino?

Por que João sorria
se lhe perguntavam
que mistério é esse?
E propondo desenhos figurava
menos a resposta que
outra questão ao perguntante?

Tinha parte com... (sei lá
o nome) ou ele mesmo era
a parte de gente
servindo de ponte
entre o sub e o sobre
que se arcabuzeiam
de antes do princípio,
que se entrelaçam
para melhor guerra,
para maior festa?

Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
de se pegar.

NADIR FERRARI